Informática e saúde mental: caminhos de uma oficina*

Deise Juliana Francisco – URI - Campus Santo Ângelo – PGIE/UFRGS – dfrancis@urisan.tche.br
Margarete Axt – UFRGS – maaxt2002@yahoo.com.br
Cleci Maraschin - - UFRGS - clecimar@adufrgs.ufrgs.br

Computer science and mental health: ways of a workshop

Resumo: O presente artigo discute aspectos da realização de uma oficina de informática com pessoas em sofrimento psíquico. A oficina foi desenvolvida no contexto de um projeto de extensão universitária, realizado em uma cidade do interior do RS. Analisa-se aqui a inserção na rede de 30 participantes e a produção dos mesmos no tocante a produções tanto individuais quanto coletivas, a partir de arquivos salvos na rede local.
Discute-se teórico-metodologicamente a viabilidade do uso de recursos informatizados como ferramenta para habilitação psicossocial de pessoas em sofrimento psíquico, bem como a importância da criação de novas ferramentas e atividades para promoção da saúde mental.

Palavras-chave: saúde mental, tecnologia, oficina

Abstract: The present article argues aspects of the accomplishment of a workshop of computer science with people in psychic suffering. The workshop was developed in the context of a project of university extension, carried through in a city of the interior of the RS. The insertion in the net of 5 participants and the production of the same ones in regards to how much in such a way collective individual productions is analyzed here, from safe archives in the local net. It is argued viability of the use of informatizados resources as tool for psicossocial qualification of people in psychic suffering, as well as the importance of the creation of new tools and activities for promotion of mental health.

Keywords: mental health, technology, workshop

INTRODUÇÃO

Neste artigo discute-se a experiência de montagem e realização de oficinas de informática com usuários de um serviço substitutivo do manicômio. Trata-se de um projeto de extensão universitária realizado em parceria entre uma universidade comunitária do interior do Estado do Rio Grande do Sul e o Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da mesma cidade. O projeto é desenvolvido desde o ano de 2004, contou com a presença de 30 participantes, adultos, de ambos os sexos, com diagnósticos variados, mas todos usuários de medicação. A oficina realiza-se em um laboratório de informática da universidade, com o apoio de bolsistas de Ciências da Computação e de Psicologia, para propiciar encontros de aprendizagem, discussão e de produção no acoplamento com tecnologias informatizadas. Como um dos objetivos da oficina consta trabalhar com infoinclusão e habilitação psicossocial dos usuários do CAPS.

O computador povoa nosso cotidiano com

> estranhas criaturas, quimeras modernas: ícones de menus de computadores regulando a composição de textos virtuais (imagens que não *

Artigo extraído de tese de doutorado da primeira autora.

> são feitas para serem vistas, mas para encadearem-se na ação), mouse cujo deslocamento físico manipula objetos imateriais (texto, imagem, etc.)...(WEISSBERG, 1993, p.118),

com uma "forma de funcionamento" que intriga: clicamos e aparece uma letra na tela, abre-se uma janela, surge uma cor. O computador "interage" com o usuário ao marcar as palavras que ele desconhece, possibilita a comunicação com familiares que moram distante, possibilita dar movimento a desenhos, viabiliza encontrar informações sobre sofrimento psíquico, sobre agravos e doenças, sobre movimento da luta antimanicomial, possibilita produzir informações e disponibilizá-las.

Na relação com os participantes da oficina, muitos movimentos tanto de constituição de novos territórios existenciais quanto de reterritorialização foram se conectando com o trabalho na oficina. Uma das perguntas (objetivos da pesquisa) era mesmo a de verificar o que se produz no cruzamento/intersecção/acoplamento sujeito e software: quando os participantes digitam, desenham, enviam e-mails, desenham animações que máquina se produz? Que acoplamentos se efetivam? Assim, para além do traço efetivado (conteúdo do texto, da imagem, etc.), a pergunta tem como vetor os movimentos e o trânsito pelas redes que viabilizaram determinado percurso, seja em direção à constituição de uma obra ou de um desobrar.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com delineamento de estudo de caso, baseado em pesquisa-intervenção. Foram analisadas as produções (arquivos) de 30 participantes da oficina de informática, no período de 2004 a 2006. Para análise de dados utilizou-se análise de conteúdo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As bolsistas do projeto (Juliana de Oliveira Gudolle e Juliana Pacheco Renz) analisaram as produções salvas nos computadores do laboratório construídas pelos participantes. Para produzir os materiais, os participantes utilizaram softwares editores de texto, editores de imagem, editor de HTML, editor de vídeo, editor de animação, mais usualmente.

Foi constatado que, enquanto temática, houve um direcionamento entre três tipos de assunto: religiosos (religião); produções dirigidas a outras pessoas sejam elas amigos, parentes, equipe do CAPS (vida social); assuntos pessoais (vida pessoal). O primeiro assunto teve um percentual menor do que os posteriores, porém foi igualmente significativo. Assim, 40% dos temas foram relativos à religião, 60% à vida social e 63% à vida pessoal.

A *religião* foi tema de conversas sobre a importância de Deus na vida, de interdições (como diz um participante: "não posso jogar, pois sou crente" ou "não falo sobre vinho, porque sou crente), de produções. A figura de Deus planava sobre o laboratório e se materializava na busca de leituras em sites (como http://www.jesus.com.br), cópias de passagens bíblicas no editor de texto, escrita de textos em que a mística e a moralidade religiosa constituíam trilhas possíveis para o viver, para um viver enlaçado em um acordo social (da igreja da qual o participante faz parte) e de um discurso que dê coordenadas sobre limites, certo/errado.

A *vida social* despontou como tema quando familiares e amigos adentraram virtualmente a oficina e os participantes produziam arquivos para os mesmos.

Freqüentemente em memória a datas comemorativas, o afeto se espalhava sobre o teclado e o vídeo, chegando à impressora: cartões de Natal, de aniversário, de agradecimento para familiares, amigos, equipe do CAPS e equipe extensionista. Alguns textos eram capturados da Internet, copiados para editor de texto ou de imagem, alterados de forma mais intensa ou menos intensa, personalizados e enviados ao destinatário. A foto do remetente era, muitas vezes, acoplada à produção, dando sinal da autoria, da presença, da face na dedicatória.

A produção, assim, teve seu escoamento para casas, ruas e caixas de outras pessoas. Uma participante, por exemplo, *scaneava* fotos antigas da família, suas próprias fotos para que ficassem mais bonitas, mais atualizadas e multiplicadas. No império das cópias, muitas impressões foram feitas, tanto de repetições do mesmo arquivo para presentear sujeitos diferentes, quanto para deixar cópia nos murais do CAPS ou para uso pessoal (etiqueta para marcar data de consultas médicas, figuras *scaneadas* para os usuários do CAPS pintarem em oficinas no estabelecimento, fotos dos integrantes da oficina no GPEAD, orações, cânticos da igreja com fonte maior do que a que consta no livrinho da missa, para que familiares pudessem ler...).

A proliferação e a materialização das obras dos participantes da oficina constaram como nó de conexão do acoplamento usuário/participante-máquina, como forma de solidariedade para com quem não tinha assento na oficina (outros usuários e familiares), como forma de materializar sua produção pessoal, sua potência como sujeito que não é apenas o louco, mas é também aquele que cria, que imprime, que "doma" o computador.

Outro *link* com a vida social foi efetivado quando um participante se comunicava com uma familiar via e-mail, viabilizando a rede de convivência do participante com a família desde um prisma de potência e de realização de uma obra, seja por retomar a história familiar, por conectar familiares com outros que estão distantes geograficamente ou por "apoderar-se" de uma máquina como o computador, socialmente valorizada por vetores como inteligência, capacidade e produção de "coisas" úteis. O vetor da utilidade na família foi ativado para alguns.

A *vida pessoal* refere-se à produção de diários pessoais, de escrita ou cópia de poesias tanto de autoria própria quanto de outrem, de diálogos com o computador, nos quais ele é tido enquanto analista, enquanto um outro que ouve sem reclamar, censurar ou sugerir. Aqui, no contato com o computador, a participante se diferencia, adentrando outros registros e suportes ontológicos alheios à consulta psicológica. O falar, via escrita, no atravessamento com o computador produz escuta para a participante, tem como retorno um espaço de reflexão, de afetos e de contenção de certas "vontades".

Do desobramento do coletivo ao comum

O percurso da oficina, após tentativa de se construírem atividades coletivas foi se desenhando a partir dos agenciamentos manifestados em cada corpo, em suas afecções. Percebemos que o coletivo produzido pelas pessoas em sofrimento psíquico foi aberto à mais pura singularidade e a ocupação da rede se deu de formas ímpares.

Este percurso faz pensar sobre a própria noção de comunidade e de coletivo tão em voga em tempos de internet.

Os coletivos parecem ter reforçado seu vigor na contemporaneidade com o evento das tecnologias de comunicação e informação com um vetor para o comum, o sinergético, um ponto de confluência, por vezes entendido como ponto de identidade. A própria aposta nos coletivos, desde as experiências de comunidades educativas, estabelecimentos de saúde mental, cooperativas passou, muitas vezes, por ideais de uma comunalidade que parece ou perdida, ou mesmo nunca existente. Isso porque sustentado por um ideal de

homogeneização e de consenso em tom de ditadura da maioria, bem como de tentativa de normalização.

Nas atividades grupais, Lancetti (s/d) já avisava sobre a perspectiva de intervenção em grupos de psicóticos como sendo de neuróticos e os impasses que isso gera. A construção de momentos de coletivo, de um coletivo não regido pelo funcionamento neurótico, parece ser a saída ou a entrada para processos de constituição de formas de vida diversas das aceitas socialmente neste momento. Parece que a transcedentalização do comum, com suas marcas teleológicas é o que constrange a comunidade: na comunhão, todos se tornam um, se compõe com um só corpo, corpo prenhe de sentidos e de clichês. Neste mesmo sentido, para Pelbart (1993), a tomada do comum passa pelo bios social e pelos elementos que compõe a matéria de produção da vida. E, para Lancetti,:

> O "comum" é baseado na comunicação entre singularidades e se manifesta por meio de processos sociais de cooperação e produção. As singularidades não são tolhidas "no comum". Elas levam ações e paixões coletivas, solidárias, e tecem fio a fio redes microssociais de alto poder terapêutico (2006, p. 94).

Fio a fio as redes são tecidas e rompidas, com efeitos terapêuticos, de aprendizagem e de subjetivação nos vários dispositivos sociais.

Os movimentos comunitários foram alimentados, muitas vezes, por ideais de identidade, semelhança, bem-comum, como fusão de todos em um só. Muitas vezes mantidos por sentimentos religiosos, a vida comunitária tendia a uma relação em que o parentesco, a vizinhança, a territorialidade e os laços de solidariedade vingavam. Com o advento das tecnologias da comunicação e informação, das trocas baseadas em interesses e não em traços identitários (raça/etnia, sexo, filiação sindical, credo,...) a comunidade volta com força. Tanto que falamos em comunidades virtuais, em escrita colaborativa, em sinergia coletiva. Sobre comunidade virtual, Rheingold (s/d) dizia, por exemplo, que esta é "social aggregations that emerge from the Net when enough people carry on those public discussions long enough, with sufficient human feeling, to form webs of personal relationships in cyberspace". Assim, o sentimento de pertença a uma entidade é um dos elementos fundamentais das comunidades virtuais, sustentado em situação de dispersão geográfica, social e econômica e mediado pelo anonimato de seus membros. Para a emergência das relações virtuais são criadas normas consensuais de interação, o que inclui a autorreflexão sobre a participação na comunidade.

Convivem na rede portais-currais, páginas pessoais cartão-de-apresentação com *blogs*, *flogs*, tecnologias livres que reativam a linha de desterritorialização da rede e de suas conexões (PRIMO, 2003). Os movimentos de ocupação do espaço da Internet são múltiplos, tanto que se torna difícil falar em uma informática, um computador, uma internet.

Do coletivo das comunidades presenciais ao coletivo da internet, as relações se diferenciam, indo das relações de vizinhança para relações de trocas:

> O termo "coletivo" deve ser entendido aqui o sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao socius, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que de uma lógica de conjuntos bem circunscritos (GUATTARI, 1992, p.20).

Assim, a linha de constituição de um coletivo foi percorrendo o grupo-oficina.

Trago, aqui três atividades que traduzem esta linha: (a) adesão às conversas síncronas utilizando o ForChat, (b) escrita colaborativa no Equitext e (c) construção do site do CAPS. Uma tênue linha, sustentada em muito em seu vigor pela equipe extensionista, se mantinha, agitada pelo efeito da medicação em alguns corpos, pelo receio de perder a

consulta, pelo desgosto de parar com uma produção individual que vinha sendo efetivada ou com interesse em produzir algo que pudesse ser exposto para outrem.

A perspectiva aqui é a da visibilidade da produção do coletivo, não de um sujeito, nem de um grupo pré-dado, mas sim de uma máquina que, na avaria e no desengate, desenvolve "universos de referência, universos ontológicos heterogêneos, marcados por reviravoltas históricas, um fator de irreversibilidade e de singularidade" (GUATTARI, 2003, p. 42).

(a) conversas síncronas utilizando o ForChat

O software, desenvolvido pelo LELIC/UFRGS, é um híbrido entre o mural, o chat e o fórum, construído com fins de propiciar o diálogo [...]

> o Forchat provê que os interlocutores fiquem o tempo todo imersos no próprio texto em construção, sem dele tomar distância, na medida em que os formulários de edição de texto ficam sempre expostos e disponíveis no mesmo espaço do texto já editado; o Forchat é, no entanto, mais do que um chat, é também um fórum, na medida em que se constitui mediante uma memória, a qual se apresenta visível e evidente a todo e qualquer movimento de resgate de registros, que podem ser procurados, mas também postados quando de sua edição, tanto por ordem cronológica quanto por ordem de posição (não-linear) (...) traz a idéia de desregulamentação de tópicos hierárquicos, instaurando a simultaneidade das temáticas e horizontalidade das relações heterárquicas entre eles, desfazendo qualquer sentido de prioridade, de estabelecimento, de maior ou menor relevância no tratamento dos mesmos (AXT et al., 2003, p. 257).

No ForChat (htp://www.lelic.ufrgs.br/for-chat/capa2.htm), por exemplo, as conversas entre 05 participantes iniciaram em tom de brincadeira, evidenciado pela troca de personagens e pela encarnação dos perfis escolhidos.

> *Morcego*: eu mororcergo goto de voce
> *Dfrancis*: Oi, Morcego. como tu estas hoje? Tudo bem?
> *Mel*: Oi pessoal! eu sou a cachorrinha Mel e também gosto muito de todos vocês. Espero que todos estejam gostando do trabalho. Adorei esse gatinho e o morcego. Todos vocês moram dentro do meu coração. Beijos e me escrevam...
> *dfrancis*: Tá ficando legal esta nossa conversa, temos vários bichinhos. Acho que vou virar um bichinho também.
> *Dfrancis*: Virei um macaco.
> *Dfrancis*: Eu sou o macaco - Deise. O que vocês acharam do meu novo visual? Fiquei bonita?
> *Gatinha*: OI MEL TUDO BEM COMO ESTA HOJE ?
> *Morcego*: maceg xupa soige gata
> *Mel*: eu gostei muito do teu novo visual, ficou perfeito!!!tomara que possamos fazer muitas macaquices juntas. bjos da cachorrinha mel
> *Mel*: oi gatinho lindo! eu estou muito bem hoje ainda mais na companhia de vocês. Que legal esse negócio de falar com todomundo né? agora vamos poder conversar e dar bastante risadas juntos...beijos
> *Gatinha*: DEISE FICOU UMA GRACINHA DE MACACO .ADOREISUA CARETINHA .
> *dfrancis*: Obrigada, gatinha. Tu ficou muito legal de gatinha. Corre bastante, hein?
> *Gatinha*: OI MORCEGAO VE SE TOMA JEITO ;ESTOU NA TUA COLA
> *Mel*: esse morcego hoje está demais, vamos ter de controlar ele...
> *Gatinha*:OI ESTOU ADORANDO .GOSTARIA DE SABER QUEM ESTA ESCREVENDO
> *Mel*: eu quero também falar com a Enany, onde ela está? beijos para todos
> *Enany*: gatinho manhoso quero ver voce fazer miau miau bem oa pe do ouvido do ... [médico do CAPS]

> *Enany*: quem e essa flor positivo operante aguardo resposta
> *Mel*: esse fantasminha entrou na conversa pra arrazar mesmo... adorei esse atrevido, agora temos mais pessoas na conversa. Isso tá ficando muito bom mesmo... beijos para esse fantasminha
> *Enany*: cadê o morcego? ele tá muito sumido, quero falar com ele.
> *Morcego*: gata morcerg uma flor
> *Gatinha*: CADÊ O FANTASMINHA? ACHO QUE ELE DESAPARECEU...MEL
> *Enany*: Esse gatinho ta muito manhoso
> *Gatinha*: NOA FICA COM CARA DE SANTINHO QUE VOCE E BEM SAFADINHO .
> *Enany*: eu sou o fantasminha legal falen comigo se nao vou assonbrar voces

A encarnação dos personagens foi muito interessante, pois, nas conversas o exercício do cuidado com as fronteiras entre cada um e o outro foram cuidadosamente traçadas. Na conversa entre um participante do sexo masculino e uma do sexo feminino, o tom sexual foi constante e manifestado nos avatares escolhidos por eles como ícone pessoal: morcego e gatinha. A gatinha, esquiva, a todas as investidas do vampiro fugia, parava, por vezes e, por outras, mostrava suas garras. O fantasminha veio trazer a relação com o médico, talvez sobre medicação, "aterrorizando" a conversa. Na dança efetivada no ForChat, a libido dançava no teclado e nas relações entre os participantes.

A mudança de personagem também serviu ao diálogo.

Esquiva, fuga, ataque. Como num movimento estrategista, as palavras iam sendo traçadas, seguidas de sons de riso e de espanto. Ao largo dessa conversa, outras foram se tramando, menos densas, mais rápidas. O encontro com o ForChat serviu como momento lúdico e de conversas apimentadas, porém, as propostas de continuidade de uso foram sendo rechaçadas, na medida em que outras composições foram se fortalecendo. A composição ficou fechado nela mesma, sem bifurcação aparente. A brincadeira de iniciar o contato com a ferramenta presencialmente se viabilizou, porém não viabilizou outros desdobramentos e mesmo uso da ferramenta.

(b) escrita colaborativa no Equitext

Outra atividade que envolvia a constituição de um coletivo foi a de escrita colaborativa no Equitext. É uma ferramenta que objetiva auxiliar a escrita colaborativa/cooperativa de textos, em grupo, de forma síncrona ou assíncrona, via Web. O termo EquiText advém da união dos vocábulos 'equipe' e 'texto', os quais, por sinal, caracterizam a própria ferramenta. Nesta existem três personagens: o administrador, o proponente de temas e o colaborador. Conforme Axt & Elias (2003, p.266-267):

> O Equitext [...] viabiliza o gerenciamento e a edição de mensagens, pelo grupo de autores, inovando, em nosso entender, com relação a outras possibilidades de comunicação colaborativa on-line (fóruns, *chats*, listas de discussão...), na medida em que e capaz de conjugar características distribuídas entre os demais, tais como: mensagens que podem ser inseridas, também, entre contribuições anteriores; mensagens que podem ser alteradas ou excluídas, mesmo quando não forem de própria autoria (o grupo envolvido tem liberdade para definir seus próprios critérios de convivência no ambiente); mensagens que não invadem as caixas de correio eletrônico, exigindo interesse em acessar o ambiente, mediante cadastro e uso de senha; as contribuições podem ser tanto síncronas quanto assíncronas, cada um podendo administrar o seu próprio tempo; as contribuições ainda podem vir acompanhadas de observações, facilitando o compartilhamento de idéias a distância. Estas características compõem um conjunto de condições favoráveis à negociação, à cooperação, aos tempos e limites de cada um.

O tema de escrita proposto aos participantes foi a luta antimanicomial. A escolha do tema se deu devido às últimas experiências do grupo no tocante às atividades

comemorativas ao dia 18 de maio. Os participantes da oficina tiveram acento em uma mesa redonda promovida pela Universidade e pelo CAPS, sendo que um deles apresentou a *homepage* do CAPS produzida por ele para um público de professores, graduandos, usuários e familiares. Outro participante apresentou sua experiência pessoal como usuário de CAPS. A maior parte dos participantes da oficina participou do evento, de sua preparação e de sua discussão. Assim, foi proposto pela coordenadora do projeto que escrevessem um texto sobre isso. A atividade, integrada com as vivências do grupo ficou absolutamente fragmentada, assim como o texto produzido.

Após a escrita, todos lemos o texto ao final, colocamos no mural do laboratório.

A escrita colaborativa em suportes digitais tem sido muito discutida no âmbito educacional como uma alternativa viável para a cooperação, colaboração, interatividade (ALONSO, RIZZI & SEIXAS, 2003; AXT & MARASCHIN, 1999).

A perspectiva de coletivo aqui se manifesta na produção de uma obra coletiva, em que cada um atua, auxilia, podendo interferir na escrita do outro participante. Uma escrita de muitas interferências, de supremacia do pensamento em detrimento do "colega". O que importa é, antes, a construção de um texto de autoria coletiva que possa ser lido por outros. Coletivo e outros parece ter sido o que vazou na experiência da oficina. A experiência da singularidade foi mais forte. Foi um espaço de depoimentos e não de construção coletiva.

O texto parece um mosaico, em que cada participante pega um pedaço e o desenvolve, de acordo com sua singularidade. O convite inicial dizia que "O texto vai ser coletivo, de todos nós" e assim o foi. Cada parágrafo tornou-se um pequeno texto, como uma conversa em que cada um diz sobre sua posição, sua opinião. Porém, o tom de depoimento e de avaliação foi ser desmanchando em nome da luta antimanicomial, de um comum. Parece que a escrita colaborativa não se conectou com a produção dos participantes. Isso não quer dizer que a escrita não tenha sido prenhe de sentidos, de *pathos*, mas sim que a proposta colaborativa/cooperativa não se efetivou como em outros trabalhos com esta ferramenta.

A maior parte das ações efetivadas pelos participantes referiu-se à inclusão de parágrafos, com pouca mobilidade no corpo do texto. Apesar de dita a possibilidade de alteração do texto anterior, esta explicitação não consome com necessidades impostas à construção coletiva. Esta implica o aceite do outro na intromissão em sua obra, uma separação entre a obra e o sujeito, a existência do texto por si mesmo, com dinâmica própria. No estilo depoimento que o texto traçou através das linhas escritas pelos participantes, esta intromissão parecia deslocada. As tentativas de intromissão se deram através da continuidade da linha associativa.

(c) construção do site do CAPS

A construção do site se deu pelo aceite de um convite feito pela equipe extensionista aos participantes. Quando Ekrindges aceitou o convite, houve mobilização do grupo para construir o site, desde sai concepção até a escrita dos conteúdos.Utilizaram editores de texto, de html, de imagens para a atividade. Proposto como uma atividade coletiva, teve a adesão dos participantes de forma pontual, a pedido da equipe extensionista.

Para a construção da página do CAPS foi necessário o diálogo entre os participantes, para podermos fazer a escolha do que escrever e de como publicizar o trabalho do estabelecimento, a partir da ótica dos próprios usuários. Utilizamos, naquele momento, o site Yahoo para publicar a página. Ali foram disponibilizados dados sobre o atendimento, o cotidiano dos usuários do CAPS Santo Ângelo a partir da fala dos próprios usuários. Os *links* foram escolhidos depois de muita discussão sobre o objetivo da página, sobre o que cada um gostaria de escrever, o lugar institucional desde o qual falariam. Discutimos se os usuários teriam possibilidade de falar sobre o estabelecimento de atenção à saúde, como ficaria a palavra da equipe. Temas interessantes, pois se referem à

possibilidade de enunciação que os usuários acreditam ter, sendo esta uma construção feita junto ao serviço.

Foram feitas trocas com a equipe sobre os conteúdos a serem publicados, havendo um tráfego de arquivos impressos da universidade para o CAPS. Isso no sentido de uma parceria com a equipe e não de uma censura prévia. Até porque em algumas destas andanças, os papéis se perderam, as conversas se deram de forma mais de solicitar informações do que solicitar aceite/aprovação da equipe do CAPS. Este movimento ampliou o coletivo que na oficina se aninhavava.

Figura 1: Página do CAPS

Fonte: http://geocities.yahoo.com.br/ekrindges/index.htm

A perspectiva de publicização do CAPS só se tornou significativa para os participantes quando eles perceberam que alguém conhecido poderia ler e reconhecer a autoria da obra. Um leitor virtual não recebeu aceitação dos participantes. Em alguns encontros, o projeto em comum vingou com a participação e decisão coletivas, mas por outras, a participação se deu com muita insistência para a conclusão da página e para sua inserção como hipertexto e não apenas listagem de informações. O fórum de discussão foi inserido com a proposição de interatividade entre os participantes e outras pessoas. Porém, a comunicação com outras pessoas, desconhecidas, naquele momento, foi rechaçada pelos participantes que acharam muito estranho escrever, conversar e interagir com pessoas com as quais eles não haviam mantido contato presencialmente.

A inserção do projeto de extensão se fez em "Terapia Ocupacional", remetendo à idéia de oficina, de produção. Como lugar institucional como uma extensão do CAPS para outros espaços, no caso, no espaço físico da universidade. Como exposto no excerto do site:

> No atendimento do CAPS Santo Ângelo nós os pacientes temos disponibilidade de fazermos trabalhos artesanais e também aprendemos a fazer trabalhos com fuxico, biscui, desenhos em vários tipos de papéis, tricô, crochê, corda, temos sala para realizar esses trabalhos, e também usamos o laboratório de informática da URI.

> O laboratório está sendo muito proveitoso, pois realizamos atividades de livre escolha e nós os pacientes navegamos na Internet, mandamos e-mail, até trabalhamos na confecção desta página do Caps. (http://geocities.yahoo.com.br/ekrindges/terapiaocupacional.html)

Após sua disponibilização, alguns participantes perguntam sobre o site para saber se suas produções podem ser vistas por outras pessoas, para que elas possam disponibilizar para outros. A "cultura digital" aos poucos vai se conectando com a vida cotidiana dos participantes, na medida em que eles conhecem pessoas com as quais podem trocar informações, pessoas que são incluídas digitalmente e, para as quais, o jargão informático faz girar sentidos e formas de vida, bem como forma de se incluir socialmente através da informática.

CONCLUSÃO

Deleuze fala sobre a comunidade dos celibatários, comunidade dos que não comungam nada em comum, nenhuma identidade, nenhuma atividade, nenhuma tarefa.

Trata-se de uma comunidade de singularidades repousadas em algo comum: "comunidade como compartilhamento de uma separação dada pela singularidade" (PELBART, 2003, p. 33). Idéia interessante esta que traz a alteridade como marca da comunidade, do que é comum, mas comum enquanto o que possibilita a ruptura com as formas de organização do tipo partido político, sexo, religião, confraria. O autor cita Jean-Luc Nancy que fala sobre o estar-em-comum, estar-com. Esta forma de relação pode fazer resistência à globalização, aos movimentos identitários, aos fundamentalismos. Uma singularidade perante o império!

Essa perspectiva trata da resistência na multidão feita pelo sujeito comum, sujeito ordinário que, na recusa da tomada do poder, na fuga, na denúncia do Uno consegue brechas para constituir outros territórios existenciais. Não se fala aqui no psicótico ou na loucura, como se essa forma de resistência fosse louca. Mas parece haver alguma ressonância entre a experiência da loucura, enquanto conectada com a caosmose e a resistência do sujeito comum.

Potente referência que parece tratar mesmo dos arranjamentos humano-máquina feito pelos participantes da oficina ao se engajarem, conversarem, constituírem um estar em-comum e, ao mesmo tempo, denunciar a ausência de um comum que tenha força de agregação, de fusão. A fusão, a conjuração da morte não se deu nos espaços de comunalidade propostos, e propostos de forma insistente aos participantes.

A oficina demonstrou a viabilidade da construção e implantação de trabalhos de habilitação psicossocial utilizando-se de recursos da informática para criação de novas formas de vida para pessoas em sofrimento psíquico. Isso deve-se ao potencial das tecnologias, a sua capacidade de convergência de mídias e de possibilitadoras de atividades em conjunto._

Referências:

ALONSO, Cleuza; RIZZI, Claudia; SEIXAS, Louise. *Software EquiText* - Uma Ferramenta para a escrita Colaborativa na Web. In: **VIII Taller Internacional de Software Educativo** TISE 2003. Santiago do Chile : Universidad de Chile - Facultad de Ciencias Físicas e Matematicas, 2003.

AXT, Margarete ; Maraschin, Cleci. Narrativas Avaliativas como Categorias Autopoéticas do Conhecimento. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis / SC, p. 21-42, 1999.AXT, Margarete e ELIAS, Carime Rossi. Autoria coletiva, ambientes virtuais e formação: de

quando a aprendizagem reverbera o acontecimento. In **Psicologia e Educação** : Multiversos, Sentidos, Olhares e Experiências. MARASCHIN, Cleci et all. (orgs.). Porto Alegre : Ed. Ufrgs, 2003.

AXT, Margarete; et. al. **Desenvolvimento do software de comunicação ForChat**. Disponível <http://www.lelic.ufrgs.br/webteca/for-chat.pdf>, data de acesso: 06/03/2003.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**. Rio de Janeiro: editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix. Máquinas. In: PELBART, Peter; COSTA, Rogério da. **O Reencantamento do Concreto**, Hucitec, São Paulo, 2003

LANCETTI, Antonio. Clínica grupal com psicóticos : a grupalidade que os especialistas não entendem. **Saudeloucura 4**. São Paulo: HUCITEC, s/d.

LANCETTI, Antonio. **Clínica peripatética**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital** : ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha.Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. In **Anais do Encontro da Faculdade de Comunicação**, 2003.(CD-Rom).

RHEINGOLD, Howard. **The Virtual Community**. Disponível em <http://www.well.com/user/hlr/vcbook>, data de acesso: 24/07/1999

WEISSBERG, Jean-Louis. Real e virtual. In : PARENTE, André (Org.) **Imagemmáquina** : a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1993. p. 117-126